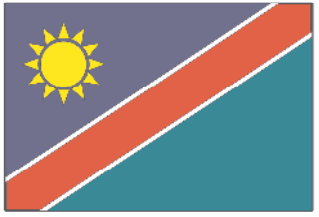
BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA

Série Diplomacia ao alcance de todos

Coleção PAÍSES



NAMÍBIA

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2011

O organizador

Paulo Fagundes Visentini – Professor Titular de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pesquisador do CNPq e do Núcleo de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT). Coordenador do Centro de Estudos Brasil-África do Sul/CESUL. (paulovi@ufrgs.br)

O autor agradece a Ricardo Leães, Bolsista de IC do NERINT e aluno do curso de Relações Internacionais da UFRGS, que colaborou na pesquisa.

Agradecemos a valiosa colaboração do
Embaixador da Namíbia,
Sr. Lineekela Josephat Mboti,
pela verificação e atualização dos dados.

Coordenação, editoração, arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

NAMÍBIA



Introdução

Namíbia é um dos mais jovens países africanos (a independência ocorreu em 21 de março de 1990), situado na costa oeste do continente, com um vasto litoral para o Oceano Atlântico. Sua

independência é recente e data de 1990, quando conseguiu se desvincular politicamente da África do Sul. Até então, o país era conhecido como África do Sudoeste, e teve colonização germânica em um primeiro momento. Com os desdobramentos do fim da Primeira Guerra Mundial, a região passou à situação de Mandato da Liga das Nações, exercido pela África do Sul. Seguem-se décadas de luta contra o regime racista e a ocupação ilegal, segundo a ONU.

A principal atividade econômica da região é a extração de minerais e metais preciosos – o país é um dos principais produtores mundiais de urânio – mas a maior parte da população ainda está vinculada à agricultura. Contudo, o país vem se urbanizando bastante nos últimos anos e a tendência é de que passe a ter uma minoria vivendo no campo. Mas como esse processo é muito acentuado e descontrolado, as consequências mais evidentes serão o aumento da pobreza e do desemprego nas principais cidades, como Windhoek, a capital – problema que os namibianos já têm de enfrentar. Além disso, como em boa parte dos países africanos, a Namíbia tem um grande déficit em decorrência do elevado número de infectados pelo vírus HIV. O índice de PIB *per*

capita namibiano é médio, mas a situação de vida real dos habitantes não é reconfortante; metade vive abaixo da linha da pobreza.

Geografia e população

Namíbia é um país vasto (824.292 km²) e eminentemente desértico – seu nome, na verdade, deriva do deserto homônimo que atravessa o território – e tem um clima bastante quente durante o ano inteiro. As chuvas são muito escassas e as temperaturas estão frequentemente acima dos 30°C. Devido a esses fatores, menos de 1% da terra é considerada arável, o que dificulta as condições de vida dos camponeses que, mesmo assim, são a maioria. Os principais recursos naturais são o urânio, diamante, cobre, ferro e ouro.

O país faz fronteira com África do Sul ao sul, com Botsuana a leste e com a Zâmbia e Angola ao norte. Essa posição geográfica na África Meridional fez com que ingressasse na Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), que visa a promover a integração e o desenvolvimento socioeconômico entre os países-membros. Como a sua posição geográfica é privilegiada, no sentido de possuir saída para o Atlântico, o governo namibiano

quer tornar o país num dos polos para exportação do sul da África.

O número total de habitantes da Namíbia ultrapassa os dois milhões, com uma densidade demográfica de 2,5 habitantes/km². Como o território é desértico, o país é um dos menos povoados do mundo. A elevada propensão a doenças, sobretudo a AIDS, também dificulta um aumento expressivo na população. Em média, um namibiano vive até os cinquenta anos, o que configura uma das mais baixas expectativas de vida. Esse índice é expressivo também pela alta taxa de mortalidade infantil – e aí, novamente, se encontra um problema decorrente do HIV – que vem minando as bases da população.

Cerca de 85% da população é negra, sendo a maioria pertencente à tribo Ovambo, sendo o restante sobreviventes do grupo Khoisan e europeus. A religião dominante é o cristianismo – principalmente o luteranismo –, mas é observada uma boa dose de mescla com cultos animistas. Na educação, o governo tem obtido êxito em erradicar o analfabetismo e investe considerável parte do PIB no setor, com 85% da população alfabetizada.

História

A desértica região da Namíbia serviu de refúgio aos caçadores-coletores e pastores Khoisan, que refluíam frente às migrações bantos e, depois, à chegada dos europeus. Os bantos ocuparam as terras aráveis e os khoisans ficaram no deserto e savanas. A colonização europeia da Namíbia começou, efetivamente, em 1884, no momento em que o chanceler alemão Otto Von Bismarck declarou que a região era um protetorado alemão, procurando evitar uma eventual tentativa inglesa de dominação, sobretudo porque ingleses e alemães já estavam em vias de ter litígios sobre a África do Sul, que é geograficamente muito próxima da Namíbia.

As tribos do local, no entanto, não foram receptivas aos europeus. Sob o comando de Hendrik Witbooi, chefe dos Namaquas, que compõem uma das principais etnias da região, eles se rebelaram e lutaram contra o domínio germânico. Ainda assim, não houve como resistir e a ascendência alemã sobre a Namíbia foi oficializada. A partir daí, colonos começaram a chegar ao país africano, com o intuito de garantir a preponderância e fortalecer a resistência aos ataques dos nativos. Com a descoberta dos diamantes, o fluxo aumentou consideravelmente.

Entretanto, os alemães introduziram uma espécie de trabalho forçado que atingiu diversas tribos, a fim de realizar a prospecção dos metais preciosos, o que, naturalmente, agravou a condição de dissenso entre colonos e nativos.

Os conflitos se acirraram nos primeiros anos do século XX, e outras tribos uniram-se para combater o inimigo comum. Após um insucesso inicial, os alemães enviaram muitas tropas para a Namíbia, conseguindo obter a vitória. Os métodos utilizados foram os mais violentos e resultaram no genocídio de algumas etnias locais. Essa situação veio a mudar após a assinatura do Tratado de Versalhes, que determinou que a Alemanha não poderia mais possuir colônias. Assim, ainda que não oficialmente, o Sudoeste Africano passou a ser administrado pela África do Sul sob regime de Mandato da Liga das Nações.

Este mandato passou, em tese, à Organização das Nações Unidas após a Segunda Guerra Mundial, a qual exigiu o fim do regime racista e a restituição do território para autodeterminação. Todavia, os sul-africanos nunca concordaram com essas demandas, procurando manter o controle da Namíbia. Com o avanço da descolonização no continente e com as guerrilhas em Angola, foi só uma questão de tempo o

surgimento de um movimento de libertação nacional, a guerrilha marxista da Organização do Povo da África do Sudoeste (SWAPO).

A partir da década de 1960, as guerrilhas namibianas procuraram combater fortemente as autoridades sul-africanas, sobretudo em razão das políticas racistas praticadas no país vizinho. A SWAPO conseguiu obter apoio angolano quando os portugueses abandonaram de fato as suas colônias, que traçaram um caminho inspirado no marxismo. Nesse período, os sul-africanos procuraram fazer algumas políticas de concessão à Namíbia, mas sempre evitaram negociar com a SWAPO, o que era um empecilho para a concretização da paz. O fato de Angola – parceira das guerrilhas namibianas – estar muito vinculada a Cuba e União Soviética fazia com que os Estados Unidos não tivessem interesse em contrariar os boers.

Todavia, com o declínio da Guerra Fria, Washington e Moscou desejavam o fim dos conflitos regionais e negociaram a saída dos cubanos de Angola, em contrapartida da independência da Namíbia. Assim, em 1988, a pressionada e esgotada África do Sul concordou em negociar a independência do vizinho, que foi concretizada dois anos depois.

Quando a Namíbia se tornou de fato um Estado soberano, Sam Nujoma foi eleito presidente do país. Durante seu governo, sua principal proposta foi a realização de uma reforma agrária em favor das comunidades negras, historicamente exploradas pelos colonos alemães. Contudo, esta não tem acontecido rapidamente, e o governo não tem forçado os colonos a venderem suas terras, como no caso do Zimbábue. De qualquer maneira, a elevada renda da mineração e a exígua população permitem contornar o problema via políticas sociais, mantendo-se a estabilidade política e o desenvolvimento econômico.

Política

A Namíbia é uma República Democrática Presidencial, cujo presidente é chefe de Estado e de governo. O Legislativo é bicameral, representado pela Assembleia Nacional e pelo Conselho Nacional. O Judiciário é independente. Ainda que seja uma democracia multipartidária, somente a SWAPO é considerada como forte o suficiente para conquistar a presidência e os principais assentos nas câmaras.

Desde que o país consagrou sua independência, o poder esteve sempre com os membros da antiga guerrilha socialista. Entretanto, o partido mudou al-

guns de seus paradigmas, tornando-se mais centrista. Por isso, já adota políticas de uma economia mista, aceitando – e desejando – investimentos externos para fortalecer o mercado interno namibiano. O Congresso dos Democratas (CoD) e a Aliança Democrática de Turnhalle são os principais partidos oposicionistas, mas não chegam a ter um terço das cadeiras que a SWAPO tem no Congresso nacional.

A Namíbia aderiu à União Aduaneira da África Austral (SACU) e a Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), além da União Africana. Como parte de seu engajamento, o governo se envolveu em conflitos em Angola e na República Democrática do Congo, em defesa de governos legítimos, ameaçados por guerrilhas e invasores. Nujoma ficou três mandatos no poder – o que não previa a constituição original – e, em 2005, deu lugar a HifiKepunye Pohamba também representante da SWAPO.

Economia

A Namíbia é muito dependente do setor de mineração, que é responsável pela maior parte da receita do governo em moeda estrangeira. O país já é o quinto maior exportador de minérios no continente africano – vale lembrar que os recursos naturais na

África são abundantes e um bom número de Estados depende deles – e vem aumentando a sua capacidade produtiva. O urânio é a principal fonte de receitas, mas também ocorre a exportação de chumbo, zinco, ferro, prata, tungstênio e outros. Entretanto, somente 3% da sua população estão empregados nesse setor da economia.

A maior parte da população ainda vive no campo e sua situação não é confortável, principalmente porque pouca terra é considerada como arável, o que aumenta o seu valor, dificultando a ação do governo em proceder à reforma agrária. Essa brutal diferença entre os camponeses e os trabalhadores urbanos determina uma distribuição de renda muito desigual, uma das maiores do mundo. Contudo, os últimos anos da primeira década do século XXI foram bastante satisfatórios para os namibianos, que viram a economia crescer consideravelmente.

O turismo vem sofrendo notável expansão, atraindo recursos e gerando empregos, bem como a pesca e o setor de serviços, pois a nação é bem organizada. O PIB PPP foi de 13 bilhões de dólares em 2009 (primário 111%, secundário 33,2% e terciário 55,3%, US$ 6,400 *per capita*). As exportações

atingiram US$ 3,484 bilhões e as importações US$ 4,388 bilhões em 2009. A moeda nacional é o Dólar namibiano.

Dados Básicos

Nome oficial: República da Namíbia

Forma de governo: República com forma mista de governo

Chefe de governo: Hifikepunye Pohamba

Independência: 21 de março de 1990

Capital: Windhoek

Área: 824.292 km²

População: 2,2 milhões (2009)

Densidade demográfica: 2,67 hab./km² (2008)

PIB: US$ 8,6 bilhões (2008)

Moeda: Dólar Namibiano

Exportações: (US$) 3.484 milhões (2009)

Principais produtos exportados: urânio. pescado e diamantes

Importações: (US$) 4.388 milhões (2009)

Principais produtos importados:

Alfabetização: 85 %


ANGOLA
ZAMBIA
Okavango
Zambezi
Caprivi Zipel
(Caprivi Strip)
Katima
Mulilo
Oshakati
Rundu
Tsumeb
Popavalle
(Popa Falls)
Linyanti
Khorixas
Otjiwarongo
Königstein
NAMÍBIA
Swakopmund
WINDHOEK
Gobabis
BOTSWANA
Walvis Bay
Rehoboth
DESERTO
KALAHARI
OCEANO
ATLANTICO
Mariental
Keetmanshoop
Lüderitz
AFRICA DO
SUL
Orange
Oranjemund
0 100 200 km
0 100 200 mi
12
18
24
30

Para saber mais

FARLEY, Jonathan. *Southern Africa.* London & New York: Routledge, 2008.
MAZRUI, Ali A. (Ed.). *Africa since 1935. General History of Africa – vol. VIII.* Oxford; James Currey/ Paris: Unesco, 1999.
1L'État de l'Afrique 2009. Paris: Jeune Afrique,2009.
KATJAVIVI, Peter. *A history of resistance in Namibia.* Oxford/ Paris: James Currey/ UNESCO, 1989 (reprint 2004).
SELLIER, Jean. *Atlas de los pueblos de África.* Barcelona: Paidós, 2005.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br